

MOVIMENTO DOS CONSELHOS OPERÁRIOS NA ALEMANHA: 1917 - 1921¹

H. Canne Meijer²

A revolução explode

Em novembro de 1918, a frente alemã foi derrubada. Os soldados desertaram aos milhares. Toda a máquina de guerra cambaleava. Não obstante, em Kiel, os oficiais da frota decidiram livrar uma última batalha para salvar sua honra. Então os marinheiros se negaram a servir. Este não era seu primeiro levante, mas as tentativas anteriores tinham sido reprimidas pelas balas e as boas palavras. Esta vez já não havia obstáculos imediatos; a bandeira vermelha foi alçada sobre um barco de guerra, depois sobre os outros. Os marinheiros elegeram delegados que formaram um Conselho. A partir desse momento, os marinheiros estavam obrigados a fazer todo o possível para generalizar o movimento. Não queriam morrer no combate contra o inimigo, mas continuavam isolados; as tropas chamadas leais interviriam e de novo haveria combate, repressão. Por este motivo, os marinheiros desembarcaram e chegaram a Hamburgo. Dali, de trem ou por qualquer outro meio de transporte, dispersaram-se pela Alemanha.

Precursos dos Conselhos

Contudo, durante a guerra, na Alemanha, organismos parecidos haviam surgido nas fábricas. Eram formados, no transcurso das greves, por responsáveis eleitos, chamados homens de confiança. Encarregados pelo sindicato de pequenas funções no local de trabalho, deveriam assegurar um laço de união entre a base e as centrais, transmitir às mesmas as reivindicações dos operários. Durante a guerra, estas reivindicações eram numerosas (as principais se apoiavam na intensificação do trabalho e no aumento dos preços). Mas os sindicatos alemães – como os de outros países – haviam constituído uma

¹ Traduzido da versão espanhola, a partir do site http://www.lahaine.org/pensamiento/movimiento_alemania.htm por Diego Marques dos Anjos, Rubens Vinícius da Silva e Lucas Maia.

² Autor e militante da tendência conhecida como Comunismo de Conselhos. Esta tendência tem entre seus mais conhecidos representantes Anton Pannekoek, Paul Mattick, Karl Kosrch entre outros. Canne Meijer é um de seus representantes com menos obras traduzidas para o português. Daí nosso esforço em trazer este texto ao leitor brasileiro.

frente única com o governo, a fim de lhes garantir a paz social em troca de pequenas vantagens para os operários, além da participação dos dirigentes sindicais em diversos organismos oficiais. Por isso, os homens de confiança eram chamados pelos operários de *puerta falsa*³. Os “cabeçudos” eram, cedo ou tarde, enviados ao exército, nas unidades especiais. Era, pois, difícil opor-se publicamente aos sindicatos.

Os homens de confiança deixaram de informar às centrais sindicais (não valia à pena), mas como a situação e, por conseguinte, as reivindicações operárias, continuavam como antes, eles passaram a se reunir clandestinamente. Em 1917, uma onda de greves selvagens⁴ invade o país. Estes movimentos espontâneos não eram dirigidos por uma organização estável e permanente; se seu desenvolvimento ocorria com certa sincronização, era devido ao fato de terem sido antecédidos por discussões e acordos em diversas fábricas, o que dava lugar aos contatos preliminares às ações pelos homens de confiança das próprias fábricas.

Nestes movimentos, provocados por uma situação intolerável, na ausência de toda organização a qual se pudesse ter qualquer confiança, por mais limitada que fosse, as distintas concepções dos operários (socialdemocrata, religiosa, liberal, anarquista, etc.) deveriam desaparecer diante das necessidades imediatas; as massas trabalhadoras estavam obrigadas a decidir por elas mesmas, sob a base da fábrica. No outono de 1918, estes movimentos, até então esporádicos e mais ou menos desconexos entre si, tomaram uma forma precisa e generalizada. Ao lado das administrações clássicas (polícia, abastecimento, organização do trabalho, etc.), inclusive - em parte - no lugar delas, os Conselhos Operários tomaram o poder nos centros industriais importantes: Berlim, Hamburgo, Bremen, no Ruhr e no centro da Alemanha, na Saxônia. Mas os resultados foram escassos. Por quê?

³ Trata-se de uma expressão que passa a ideia de enganação/dissimulação. Não existe um termo equivalente em português. (N.T.)

⁴ O termo “greve selvagem” é utilizado para designar as greves que são levadas a cabo independentemente dos sindicatos. São convocadas, organizadas e conduzidas apesar, muitas vezes contra, as instituições sindicais. (N.T.)

Uma vitória fácil

Esta carência de resultados provém da mesma facilidade com que se formaram os Conselhos Operários. O aparato do estado tinha perdido toda autoridade; se esta era derrubada, por um lado e por outro, não era como consequência de uma luta encarniçada e voluntária dos trabalhadores. Seu movimento encontrava o vazio e se estendia sem dificuldades, sem que fosse necessário combater e refletir sobre tal combate; o único objetivo do qual se falava era o do conjunto da população: a paz.

Existia uma diferença essencial para com a revolução russa. Na Rússia, a primeira onda revolucionária, a Revolução de Fevereiro, varreu o regime czarista; mas a guerra continuava. O movimento dos trabalhadores unidos encontrava assim uma razão de acentuar sua pressão, de mostrar-se audaz e decidido. Mas na Alemanha, a principal aspiração da população, a paz, foi imediatamente satisfeita; o poder imperial dava lugar à república. Como seria esta república?

Antes da guerra, não havia sobre este ponto nenhuma divergência entre os trabalhadores. A política operária, tanto na teoria quanto na prática, era feita pelo Partido Socialdemocrata e pelos sindicatos, adotada e aprovada pela maioria dos trabalhadores organizados. Para os membros do movimento socialista, formado no transcurso da luta pela democracia parlamentar e pelas reformas sociais, pensando unicamente nesta luta, o Estado democrático burguês devia ser um dia a alavanca do socialismo. Bastava conseguir uma maioria no Parlamento e os ministros socialistas nacionalizariam, passo a passo, a vida econômica e social; assim se chegaria ao socialismo.

Também existia uma corrente revolucionária, sendo Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo os representantes mais conhecidos. Contudo, esta corrente nunca desenvolveu concepções claramente opostas ao socialismo de Estado; como era apenas uma oposição no seio do velho partido, para a base dos trabalhadores esta corrente não se distinguia do conjunto.

Concepções Novas

Porém, surgiram novas concepções durante os grandes movimentos de massas de 1918-1921. Estas não foram criadas por uma pretendida vanguarda, mas pelas próprias

massas. Na prática, a atividade independente dos operários e soldados havia recebido sua forma orgânica: os Conselhos, novos órgãos que atuavam num sentido de classe. E, uma vez que existe um vínculo estreito entre as formas assumidas pela luta de classes e as concepções do futuro, as velhas concepções começam a cambalear. Agora, os trabalhadores dirigiam suas lutas fora dos aparatos dos partidos e sindicatos. Mesmo assim, tomava corpo a ideia de que as massas deveriam exercer uma influência direta sobre a vida social, por meio dos Conselhos. Então haveria “ditadura do proletariado”, uma ditadura que não seria exercida por um partido, mas que seria a expressão da unidade de toda a população trabalhadora, por fim realizada. *Certamente, esta organização da sociedade não seria democrática no sentido burguês do termo, posto que a parte da população que não participasse na nova organização da vida social não teria voz nem nas discussões nem nas decisões.*

Dizíamos que as velhas concepções começavam a cambalear, a enfraquecer. Mas logo ficou evidente que as tradições parlamentares e sindicais estavam muito enraizadas nas massas para ser extirpadas num curto prazo. A burguesia, o Partido Socialdemocrata e os sindicatos recorreram a estas tradições, para combater as novas concepções. O partido, em particular, se regozijava aparentemente desta nova forma com a qual as massas se impunham na vida social. Inclusive, exigira que esta forma de poder direto fosse aprovada e codificada por uma lei. Mas se estes lhes demonstrava assim sua simpatia, o velho movimento operário, todo ele, reprovava os Conselhos, pelo fato de não respeitarem a democracia. Ao mesmo tempo, desculpava-os parcialmente, por causa de uma falta de experiência devido ao seu nascimento espontâneo. Na realidade, as velhas organizações pensavam que os Conselhos não lhes deixavam num lugar grande o suficiente, e viam neles organismos rivais. Ao defender a democracia operária, os velhos partidos e os sindicatos reivindicavam, de fato, que todas as correntes do movimento operário estivessem representadas dentro dos Conselhos em proporção com a respectiva importância numérica.

A armadilha

A maior parte dos trabalhadores era incapaz de rebater este argumento: correspondia muito bem aos seus velhos costumes. Os Conselhos operários reuniram, pois, representantes do Partido Socialdemocrata, dos sindicatos, dos socialdemocratas de esquerda, das cooperativas de consumidores, etc., assim como os delegados das fábricas. É evidente que tais Conselhos não eram os órgãos das equipes de trabalhadores reunidos pela atividade na fábrica, mas formações saídas do velho movimento operário, trabalhando na restauração do capitalismo sobre a base do capitalismo de Estado democrático.

Isso significava reduzir a pó os esforços operários. Com efeito, os delegados dos Conselhos já não recebiam as instruções da massa, mas estas eram provenientes de suas diferentes organizações. Exortavam os trabalhadores para que respeitassem e fizessem reinar “a ordem”, proclamando que “na desordem não há socialismo”. *Nestas condições, os Conselhos rapidamente perderam todo o seu valor ante os operários. As instituições burguesas voltaram a funcionar, sem se preocupar com a opinião dos Conselhos. Esse era precisamente o objetivo do velho movimento operário.*

O velho movimento operário podia estar orgulhoso de sua vitória. A lei votada pelo Parlamento fixava em detalhes os direitos e deveres dos Conselhos. Suas tarefas consistiriam em vigiar a aplicação das leis sociais. Dito de outra forma, os Conselhos se transformavam em mais uma mola do Estado, contribuindo para seu bom funcionamento, ao invés de destruí-lo. Cristalizadas nas massas, as tradições se revelavam mais poderosas que os resultados da ação espontânea.

Apesar desta “revolução abortada”, não se pode dizer que a vitória dos elementos conservadores foi simples e fácil. A nova orientação dos espíritos foi, apesar de tudo, importante para que centenas de milhares de operários lutassem encarniçadamente para que os Conselhos mantivessem seu caráter de novas unidades de classe. Foram necessários cinco anos de incessantes conflitos para que o movimento dos Conselhos fosse definitivamente vencido pela frente única da burguesia, do velho movimento operário e dos guardas brancos (formados pelos falcões prussianos e os estudantes reacionários).

Correntes políticas

Em linhas gerais, é possível distinguir quatro correntes políticas do lado dos operários:

a) Os socialdemocratas: Queriam nacionalizar gradualmente as grandes indústrias, utilizando a via parlamentar. Igualmente, tendiam a reservar aos sindicatos o papel de intermediários exclusivos entre os trabalhadores e o capital do Estado;

b) Os comunistas: Mais ou menos inspirados no exemplo russo, preconizavam uma expropriação direta dos capitalistas pelas massas⁵. Segundo eles, os operários revolucionários tinham o dever de “conquistar” os sindicatos e “torna-los revolucionários”;

c) Os anarcossindicalistas: Oponham-se à tomada do poder político e toda forma de Estado. Segundo eles, os sindicatos representavam a fórmula do futuro; era preciso lutar para que estes tomassem uma extensão grande o suficiente para que pudessem gerir toda a vida econômica. Um dos mais conhecidos teóricos desta corrente, Rudolf Rocker, escrevia em 1920 que os sindicatos não deviam ser considerados como um produto transitório do capitalismo, mas como germes de uma futura organização socialista da sociedade. Em 1919, parecia que a hora deste movimento havia chegado. Os sindicatos anarquistas cresceram depois da queda do Império alemão. Em 1920, tinham por volta de duzentos mil membros;

d) Não obstante, neste ano (1920) os efetivos dos sindicatos foram reduzidos. Uma fração bastante considerável de seus partidários dirigiam-se agora para outra forma de organização, melhor adaptada às condições da luta: a organização revolucionária da fábrica. Cada fábrica tinha, ou devia ter, sua própria organização, a qual atuava independentemente das outras e que, inclusive, em

⁵ O autor faz referências constantes ao termo “massas” ao longo de todo o texto. Não sabemos se este é um problema derivado da tradução espanhola ou se efetivamente Canne-Meijer utiliza tal termo no original em alemão. Consideramos, contudo, independentemente de qual seja a explicação para o uso desta terminologia, que ela é carregada de problemas. Não é efetivamente um termo que expresse a perspectiva marxista. O conceito de classes sociais é muito mais adequado. No caso, ele se refere à classe operária, termo muito mais acertado do que “massas”.

princípio, não estava conectada com elas. Cada fábrica parecia uma espécie de “república independente”, fechada em si mesma.

Sem dúvida, estes organismos de fábrica eram uma realização das massas; embora seja necessário pontuar que apareciam no contexto de uma revolução, que em que pese não estivesse vencida, também não estava ainda derrotada. Logo ficou evidente que os operários não podiam, no momento, conquistar e organizar o poder econômico e político por meio dos Conselhos; seria necessário primeiro manter uma luta sem piedade contra as forças que se opunham aos Conselhos. Os operários revolucionários começaram então a reunir suas próprias forças em todas as fábricas, a fim de manter sua influência sobre a vida social. Mediante sua propaganda, esforçavam-se em despertar a consciência dos operários, convidando-os a sair dos sindicatos e aderir à organização revolucionária de fábrica; os operários, em sua totalidade, poderiam então dirigir eles mesmos suas próprias lutas e conquistar o poder econômico e político sobre toda a sociedade.

Aparentemente, a classe operária dava desta forma um passo atrás no terreno de sua organização. Enquanto que anteriormente o poder dos operários estava concentrado em algumas potentes organizações centralizadas, agora se decompunha em centenas de pequenos grupos, os quais reuniam algumas centenas ou milhares de membros, segundo a importância da fábrica. Na realidade, esta era a única forma que permitia a instauração de um poder operário direto; por isso, ainda que relativamente pequenas, estas novas organizações aterrorizavam a burguesia, a socialdemocracia e os sindicatos.

Desenvolvimento das organizações de fábrica

Se estas organizações estiveram isoladas entre si, não foi por uma questão de princípios: seu aparecimento se efetuou de forma espontânea e separada, no transcurso das greves selvagens (entre os mineiros do Ruhr em 1919, por exemplo). Surgiu uma tendência com o objetivo de unificar a todos estes organismos e opor uma frente coerente à burguesia e seus apoiadores. A iniciativa partiu dos grandes portos, Hamburgo e Bremen; em Abril de 1920 aconteceu a primeira conferência de unificação em Hanôver; nesta conferência, participaram delegações provenientes das principais regiões industrializadas da Alemanha. A polícia interveio e dispersou a conferência. Porém, chegou tarde demais, a

organização geral unificada já tinha sido criada e já eram claros os seus mais importantes princípios de ação. Esta organização adotou o nome de União Geral dos Trabalhadores da Alemanha: AAUD (*Allgemeine Arbeiter Union Deutschlands*). A AAUD tinha como princípios essenciais a luta contra os sindicatos e os conselhos de empresa legalizados, bem como oposição ao parlamentarismo. Cada uma das organizações membro da AAUD tinha direito ao máximo de independência e liberdade para escolher a sua tática.

Na Alemanha desta época, os sindicatos contavam com um número de membros superior ao que possuíam antes e depois do desenvolvimento das organizações de fábrica. Em 1920, os sindicatos de filiação socialista agrupavam quase 8 milhões de trabalhadores reunidos em 52 associações sindicais; os sindicatos cristãos tinham mais de 1 milhão de membros e os sindicatos “de casa”, os sindicatos amarelos, reuniam cerca de trezentos mil trabalhadores. Também existiam organizações anarcossindicalistas (FAUD) e outras que, tempos depois, se uniram à ISR (Internacional Sindical Vermelha).

Em sua criação, a AAUD reuniu somente 80 mil trabalhadores (abril de 1920); mas sua expansão foi rápida e já no final do ano seu número alcançou a quantidade de 300 mil trabalhadores. Algumas das organizações que a compunham afirmavam, obviamente, uma igual simpatia pela FAUD, ou mesmo, pela ISR. Mas a partir de dezembro de 1920, uma série de divergências políticas provocaram uma grande cisão no interior da AAUD, assim, numerosas associações aderentes saíram dela para formar uma nova organização, chamada unitária: AAUD-E (União Geral dos Trabalhadores da Alemanha – Organização Unitária). Depois desta ruptura, a AAUD ainda declarava contar com mais de 200 mil membros no momento de seu IV Congresso (junho de 1921). Na realidade, esses números não eram mais tão exatos, isto porque no mês de março de 1921, o fracasso da insurreição da Alemanha Central havia decapitado e desmantelado literalmente a AAUD. Ainda frágil, a organização não pode resistir de maneira eficaz a uma enorme onda de repressão policial e política.

O Partido Comunista Alemão (KPD)

Antes de examinar as diversas cisões no movimento das organizações de fábrica, é necessário falar do Partido Comunista. Durante a guerra, o Partido Socialdemocrata (SPD)

se manteve ao lado – ou melhor, atrás – das classes dirigentes e fez todo possível para lhes assegurar “a paz social”, com exceção de uma pequena fração de militantes e de funcionários do partido, entre os quais os mais conhecidos eram Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht. Estes últimos faziam propaganda contra a guerra e criticavam violentamente as posições do Partido Socialdemocrata, entretanto, não estavam completamente isolados. Além de seu grupo, a “Liga Spartacus”, havia, entre outros, os grupos “Radicais de Esquerda” de Hamburgo, “Política Operária” de Bremen e os “Internacionalistas” de Dresden e de Frankfurt. Depois de novembro de 1918 e da queda do Império, esses grupos, formados na “esquerda” da social democracia, pronunciaram-se pela luta “na rua” destinada a forjar uma nova organização política e que se orientasse sobre os passos da Revolução Russa. Finalmente, foi celebrado em Berlin o Congresso de unificação e, desde o primeiro dia, foi fundado o Partido Comunista (30 de dezembro de 1918). Rapidamente este partido, o KPD, se converteu em um centro de reunião para muitos operários revolucionários que exigiam “todo o poder para os Conselhos Operários”.

É necessário destacar que os fundadores do KPD constituíram, de certo modo, por direito de nascimento, os quadros do novo partido; e eles mesmos introduziram o espírito da velha social democracia. Os operários que agora entravam no KPD e se preocupam com as práticas das novas formas de luta, nem sempre ousavam confrontar os seus dirigentes por respeito à disciplina e se curvavam frequentemente às concepções ultrapassadas.

O conceito “organizações de fábrica” contém, com efeito, algumas noções muito diferentes. Pode designar, como pensavam os fundadores do KPD, uma simples forma de organização e, portanto, passível de ser submetida a instruções que são decididas fora da organização: esta era a velha concepção. Mas também pode conter um conjunto totalmente diferente de atitudes e mentalidades. Neste novo sentido, a noção de organizações de fábrica implica numa mudança total nas ideias admitidas até então, a propósito de:

- a) a unidade da classe operária;
- b) a tática de luta;
- c) as relações entre as massas e a sua direção;
- d) a ditadura do proletariado;

- e) as relações entre Estado e sociedade;
- f) o comunismo como sistema econômico e político.

Estes problemas eram projetados na prática das novas lutas e por isso era necessário tentar resolvê-los sob pena de desaparecimento das novas forças. *Por consequência, a necessidade da renovação de ideias se impunha rapidamente*, mas os quadros do partido – ainda que tiveram a coragem de sair dos seus antigos postos – não pensavam mais do que reconstituir o novo partido copiando o modelo do antigo e evitando os pontos de conflitos entre os dois modelos. Por outro lado, não é necessário afirmar que as novas ideias sofriam da falta de elaboração e clareza, não se apresentavam como um conjunto harmonioso, caído do céu ou elaborado por um cérebro superdotado. Mas prosaicamente, provinha em partes do velho fundo ideológico e o novo se misturava com o velho. Em suma, os jovens militantes do KPD não se opunham de forma massiva e resoluta contra a sua direção e eram frágeis e divididos em muitas questões.

O parlamentarismo

O KPD, desde a sua formação, esteve dividido sobre o conjunto de problemas gerados pela nova noção de “organizações de fábrica”. O governo provisório, dirigido pelo socialdemocrata Ebert, havia anunciado as eleições para a Assembleia Constituinte. Devia o jovem partido participar nessas eleições, ainda que fosse somente para denunciá-las? Esta questão provocou discussões muito vivas no Congresso (1919). Uma grande maioria de operários exigiam o rechaço a toda participação nas eleições. Pelo contrário, a direção do partido (entre eles, Rosa Luxemburgo e Liebknecht) se pronunciavam por uma campanha eleitoral. A direção perdeu nas votações, a maioria do partido se declarou antiparlamentar. Segundo essa maioria, a Assembleia Constituinte não tinha outro objetivo que o de consolidar o poder da burguesia, dando-lhe uma base “legal”. Ao contrário, os elementos proletários do KPD insistiam, sobretudo, em “ativar” os Conselhos Operários existentes e os colocar em ação. Queriam valorizar a diferença entre democracia parlamentar e democracia operária, difundindo a palavra de ordem “todo poder aos Conselhos Operários”.

A direção do KPD não via neste antiparlamentarismo uma renovação, se não uma regressão às concepções sindicalistas e anarquistas, como as que se manifestaram nas origens do capitalismo industrial. Na realidade, não tinham nada em comum com o “sindicalismo revolucionário” e o “anarquismo”. Inclusive representava, em muitos aspectos, a negação dessas ideias. Enquanto que o antiparlamentarismo dos anarquistas se apoiava no rechaço do poder político, e em particular, da ditadura do proletariado, a nova corrente o considerava como uma condição necessária para a tomada do poder político⁶. Tratava-se, pois, de um antiparlamentarismo “marxista”.

Os Sindicatos

Sobre a questão das atividades sindicais, a direção do KPD tinha, naturalmente, uma forma de ver diferente da corrente das “organizações de fábrica”. Esta divergência deu lugar a inúmeras discussões pouco depois do Congresso (e também do assassinato de Karl e Rosa).

Os propagandistas dos Conselhos difundiam a palavra de ordem: “Sair dos sindicatos, aderir às organizações de fábrica, formar Conselhos Operários”! Mas a direção do KPD declarava: “Fiquem nos sindicatos”! Esta não pensava em “conquistar” as centrais sindicais, mas acreditava ser possível “conquistar” a direção de algumas filiais locais. Se este projeto tomasse corpo, poderiam ser reunidas as organizações locais em uma nova central, que seria revolucionária. Nesta questão, a direção do KPD obteve mais uma derrota. A maior parte de suas seções se negaram a aplicar estas instruções. Mas a direção decidiu manter suas posições, ainda que fosse às custas de excluir a maioria de seus membros; neste assunto fui apoiada pelo partido russo e seu chefe, Lênin, que escreveu nesta ocasião (1920) o nefasto folheto: *O Esquerdismo: Doença Infantil do Comunismo*.

Esta operação se realizou no Congresso de Heidelberg (outubro de 1919), onde diversas maquinações feitas pela direção conseguiram excluir de forma “democrática”

⁶ Aqui cabe uma rápida explicação acerca do termo “poder político”. Marx empregou este termo em alguns momentos de sua obra, como por exemplo, no *Manifesto Comunista*, na *Guerra Civil na França* etc. Para Marx, poder político não é sinônimo de estado (deformação que os bolcheviques e alguns anarquistas fizeram do pensamento deste autor). Para ele, poder político significa associação política de classe para reprimir os elementos de outra classe. Assim, o estado é o poder político da classe capitalista. Os Conselhos Operários se constituem, nesta perspectiva, como o poder político da classe operária. (N.T.)

mais da metade do partido. A partir deste momento, o KPD levava a cabo sua política parlamentar e sindical (com resultados bem mais lamentáveis). A exclusão dos revolucionários lhe permitiu unir-se, um pouco mais tarde, em outubro de 1920, com uma parte dos socialistas de esquerda, podendo, assim, quadruplicar em tamanho, embora somente por três anos. Ao mesmo tempo, o KPD perdia os seus elementos mais combativos e se submetia incondicionalmente à vontade de Moscou.

O Partido Operário Comunista (KAPD)

Algum tempo depois, os excluídos formaram um novo partido: o KAPD⁷. Este partido mantinha estreitos contatos com a AAUD. Nos movimentos de massa que ocorreram no transcurso dos anos seguintes, o KAPD foi uma força considerável. Era temida tanto a sua vontade e a sua prática de ações diretas e violentas, bem como sua crítica dos partidos e sindicatos, sua denúncia da exploração capitalista sob todas as suas formas, começando pela exploração da fábrica. Sua imprensa e diversas publicações estavam entre as melhores que a literatura marxista oferecia nesta época de decadência do movimento operário marxista, e isso apesar de que o KAPD arrastava-se em velhas tradições.

O KAPD e as divergências no seio da AAUD

Deixando agora os partidos de lado, retomamos a discussão sobre os movimentos das “organizações de fábrica”. Este jovem movimento demonstrava que mudanças muito importantes tinham ocorrido na consciência do mundo operário. Mas essas transformações tiveram consequências muito diferentes; distintas correntes de

⁷ Em seu manifesto inaugural, escrito por Otho Rühle, o KAPD afirmava que não era “um partido no sentido tradicional do termo”. Ou seja, embora mantivesse o uso da palavra partido para qualificar-se, era, na verdade, uma organização de novo tipo (daí sua rejeição ao sindicalismo e ao parlamentarismo). Para uma discussão acerca da trajetória das organizações políticas durante a revolução alemã, indicamos os seguintes trabalhos: MAIA, Lucas. **Comunismo de Conselhos e Autogestão Social**. Rio de Janeiro: Rizoma, 2015; AUTHIER, Denis. **A Esquerda Alemã – 1918-1921**. Porto: Afrontamento, 1972; VIANA, Nildo. **Notas sobre História e Significado do Comunismo de Conselhos**. Revista *Marxismo e Autogestão*. Ano 02, num. 04, jul./dez. 2015. (N.T.)

pensamento se revelavam muito diferentes na AAUD. O acordo era geral sobre os seguintes pontos:

- a) a nova organização deveria esforçar-se para crescer;
- b) sua estrutura devia ser concebida de forma que evitasse a constituição de uma nova corja de dirigentes;
- c) esta organização devia estabelecer a ditadura do proletariado quando reunisse milhares de membros.

Dois pontos provocavam antagonismos insuperáveis:

- a) necessidade, ou não, de um partido político fora da AAUD;
- b) gestão da vida econômica e social.

No princípio, a AAUD mantinha relações vagas com KPD; por isso essas divergências não tinham complicações práticas. As coisas mudaram com a fundação do KAPD. A AAUD começou a cooperar estreitamente com o KAPD, e isso contra a vontade de um grande número de seus membros, sobretudo em Saxe, Frankfurt, Hamburgo, etc. (não se pode esquecer que a Alemanha estava extremamente descentralizada, e isso repercutia sobre a vida das organizações operárias). Os adversários do KAPD denunciaram a formação em seu interior de uma “corjas de dirigentes”, e em dezembro de 1920 formaram a AAUD-E, que rechaçava todo o isolamento de uma parte do proletariado dentro de uma organização “especializada”, um partido político.

A plataforma comum

Quais eram os argumentos das três correntes presentes nesse momento? Existia uma convergência de pontos de vista na análise do mundo moderno. Em linhas gerais, todos reconheciam que a sociedade havia mudado: no século XIX, o proletariado somente formava uma minoria restrita dentro da sociedade, não podia lutar só e devia buscar apoio em outras classes; daí provinha a estratégia democrática de Marx. Porém, esses tempos haviam mudado para sempre, ao menos nos países desenvolvidos do ocidente. Agora o proletariado constituía a maioria da população, enquanto que todas as camadas da burguesia se unificavam por trás do grande capital, já unificado. A partir de agora a

revolução era uma tarefa exclusiva do proletariado. E esta tarefa era inevitável, pois o capitalismo havia entrado em sua crise mortal (não esqueçamos que essa análise data dos anos de 1920 a 1930).

Se a sociedade havia mudado, ao menos no ocidente, então a concepção de comunismo também devia mudar. Além disso, revelava-se que as velhas ideias, aplicadas pelas velhas organizações, representavam todo o contrário de uma emancipação social. Era o que ressaltava, em 1924, Otto Ruhle, um dos principais teóricos da AAUD-E:

A nacionalização dos meios de produção, que continua sendo programa da socialdemocracia, e também dos comunistas⁸, não constitui a socialização. Através da nacionalização dos meios de produção se pode chegar a um capitalismo de Estado fortemente centralizado, que provavelmente terá alguma superioridade sobre o capitalismo privado, mas continuará sendo um capitalismo (RHULE).

O comunismo viria como resultado da ação dos operários, de sua luta ativa e sobretudo “por eles mesmos”. Para isto, primeiramente, deviam criar novas organizações. Mas como seriam essas organizações? Neste ponto, as opiniões divergiam e esses antagonismos conduziam a rupturas, e estas foram muitas. Ainda que a classe operária deixasse progressivamente de exercer uma atividade revolucionária e seus organismos oficiais somente executassem ações tão espetaculares quanto ridículas, aqueles que queriam atuar não faziam mais que expressar, e isso defendendo-se fisicamente como podiam, a decomposição geral do movimento operário. Não obstante, não é inútil lembrar suas divergências.

A dupla organização

O KAPD rejeitava a ideia do partido de massa, no estilo leninista que prevaleceu depois da Revolução Russa, e que mantinha a ideia que um partido revolucionário era necessariamente o partido de uma elite, pequeno, mas baseado na qualidade e não na quantidade. O partido, reunindo os elementos mais educados do proletariado, devia atuar como um fermento dentro das massas, isto é, difundir propaganda, manter discussões políticas, etc. A estratégia adotada era da luta de classe contra classe, baseada na luta nas

⁸ Referências aos Partidos Socialdemocrata e Comunista, bem como aos partidários e defensores das teses destas organizações. (N.T.)

fábricas e no levante armado – inclusive, às vezes, como precedente à ação terrorista (como ações com bomba, assalto de banco, de caixas postais, fundos de fábrica, etc. Frequentes no começo da década de 1920). A luta nas fábricas, dirigidas pelos comitês de ação, teriam por objetivo criar a atmosfera e a consciência de classe necessárias para as ações de massa e levar as massas de trabalhadores, cada vez maiores, a mobilizarem-se para as lutas decisivas.

Herman Gorter, um dos principais teóricos dessa corrente, assim justificava a necessidade de um pequeno partido comunista:

A maior parte dos proletários estavam na ignorância. Tem noções de economia e de política muito frágeis, não conhecem quase nada dos acontecimentos nacionais e internacionais, das relações que existem entre estes e da influência que exercem sobre a revolução. Não podem ascender ao saber da causa da sua situação de classe. Por isso não podem atuar no momento conveniente. Muito frequentemente estão equivocados (GORTER).

Desta forma, o partido selecionado teria uma missão educadora, desempenharia o papel de catalisador no plano das ideias. Mas a tarefa de reagrupar progressivamente as massas, de organizá-las, seria para a AAUD, apoiada por uma rede de organização de fábrica, e cujo objetivo essencial seria o de combater e arruinar a influência dos sindicatos, pela propaganda, e, sobretudo mediante ações selvagens, como “um grupo que mostra em sua luta o que deve fazer a massa” (H. Gorter, resposta a Lenin, 1920)⁹. Finalmente, no transcurso da luta revolucionária, as organizações de fábrica se transformariam em conselhos operários, englobando a todos os trabalhadores e submetendo-lhes diretamente a sua vontade, a seu controle. Em suma, a “ditadura do proletariado” seria uma AAUD estendida por todo o conjunto de fábricas alemãs.

Os argumentos da AAUD

Oposta aos partidos políticos, separados que eram das organizações de fábrica, a AAUD queria edificar uma grande organização unitária que teria como tarefa dirigir a luta prática e direta das massas e também, mais tarde, assumir a gestão da sociedade sobre a base dos Conselhos Operários. Desta forma, a nova organização teria objetivos

⁹ A maior parte do texto de Herman Gorter: **Carta Aberta ao Camarada Lênin**, resposta ao panfleto de Lênin já aludido **O Esquerdismo: Doença Infantil do Comunismo**, está presente na coletânea: TRAGTEMBERG, Maurício. **Marxismo Heterodoxo**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (N.T.)

econômicos e políticos simultaneamente. Por um lado, esta concepção diferia do “velho sindicalismo revolucionário” que se afirmava hostil à constituição de um poder político especificamente operário e à ditadura do proletariado. Por outro, a AAUD, mesmo que admitindo que o proletariado seja ainda débil, dividido e ignorante e que uma aprendizagem contínua seja necessária, não concordava com um partido de elite ao estilo do KAPD. As organizações de fábrica bastavam para cumprir este papel de educação, já que a liberdade de expressão e de discussão estava assegurada em tais organizações.

É característico que a AAUD-E dirigisse ao KAPD uma crítica ao que se pode chamar o “espírito do KAPD”: segundo a AAUD-E, o KAPD é um partido centralizado, dotado de dirigentes profissionais e de escritores assalariados, que não se distinguem do partido comunista oficial a não ser por sua negação ao parlamentarismo; sendo a “dupla organização” a aplicação de uma política de “duplo presépio” em proveito dos dirigentes. A maior parte das tendências da AAUD-E rechaçam a ideia de dirigentes remunerados: “nem carnês, nem estatutos, nem nada deste gênero”, diziam. Alguns chegaram inclusive a fundar organizações antiorganizações...

Em linhas gerais, a AAUD-E sustentava que, se o proletariado é demasiado débil ou demasiado cego para tomar decisões no transcurso de suas lutas, não é uma decisão tomada por um partido o que poderá remediar tal situação. Ninguém pode atuar no lugar do proletariado e este deve, por si mesmo, superar seus próprios defeitos. E se não for assim, pagará muito caro por sua derrota. A dupla organização é uma concepção caduca, um vestígio da tradição: partido político e sindicato.

Esta separação entre as três correntes: KAPD, AAUD e AAUD-E teve consequências na prática. Assim, quando a insurreição na Alemanha Central, em 1921, que foi desencadeada e dirigida em grande parte pelos elementos armados do KAPD (então ainda reconhecidos como simpatizantes da III Internacional), a AAUD-E negou-se a participar desta luta destinada, segundo ela, a camuflar as dificuldades russas e a repressão à *Crosntadt*.

Apesar da contínua fragmentação, que precipitava polêmicas muito vivas e muito frequentemente encobertas por questões pessoais e apesar do exagero provocado por uma decepção e desespero profundos, “o espírito KAPD”, quer dizer, a insistência na ação

direta e violenta, a denúncia apaixonada do capitalismo e de suas “autoridades” operárias de toda cor política e sindical, exerceu uma durante muito tempo uma influência sensível nas massas. Há que se acrescentar que todas estas tendências dispunham de uma imprensa importante, geralmente alimentada economicamente por meios ilegais. Eram frequentemente apreendidos pela repressão devido seu comportamento subversivo. Seus membros eram, contudo, extremamente ativos nas ruas, nas reuniões públicas etc.

A decepção

Acreditava-se que o repentino crescimento das organizações de fábrica em 1919 e 1920 continuaria mais ou menos com a mesma tendência no curso das lutas futuras. Acreditava-se que as organizações de fábrica se converteriam em um grande movimento de massas, reagrupando “milhões e milhões de comunistas conscientes”, o que neutralizaria o poder dos sindicatos. Partindo desta justa hipótese, que o proletariado só pode lutar e vencer como classe organizada, pensava-se que os trabalhadores elaborariam no transcurso do caminho uma nova e sempre crescente organização permanente. No crescimento da AAUD e da AAUD-E podia-se medir o desenvolvimento da combatividade e da consciência de classe.

Depois de um período de acelerada expansão econômica (1923-1929), abriu-se um novo período que devia desembocar, em 1933, na tomada do poder, legal, pelo Partido NAZISTA. Não obstante, a AAUD, o KAPD e a AAUD-E se limitavam de mais a mais sobre si mesmas. Ao final, não ficaram mais que algumas centenas de membros como vestígio das grandes organizações de fábrica do passado, o que significava a existência de pequenos núcleos, aqui e ali, sobre um total de vinte milhões de operários. As organizações de fábrica já não eram organizações “gerais” de trabalhadores, mas sim núcleos de Comunistas Conselhistas conscientes. A partir deste momento, a AAUD e a AAUD-E assumiam a forma de pequenos partidos políticos¹⁰, ainda que sua imprensa pretendesse e afirmasse o contrário.

¹⁰ Consideramos aqui o uso do termo “partido político” para designar estas organizações bastante equivocado. Não é por que se tornaram pequenas organizações de revolucionários, que se tornaram partidos políticos. Os partidos são organizações burocráticas que visam conquistar o poder de estado, seja pela via

As funções

Pode-se dizer que é o pequeno número de seus membros o que transformou as organizações de fábrica em partido político? Não, isto foi causado por uma mudança de função. Ainda que as organizações de fábrica nunca tivessem proclamado a tarefa de dirigir as greves, negociar com os patrões, formular reivindicações (isto era assunto dos grevistas), a AAUD e a AAUDE eram organizações de luta prática. Limitavam-se a atividades de propaganda e de apoio. Uma vez deflagrada a greve, ocupavam-se em grande medida com o processo de organização desta. Organizavam as assembleias da greve, sendo, frequentemente, os oradores seus membros. Porém, a tarefa de levar as negociações com os patrões recaía sobre o comitê de greve no qual os membros das organizações de fábrica não representavam a seu grupo como tal, mas sim os grevistas que os havia eleito e perante os quais eram responsáveis.

O partido político (KAPD) tinha outra função. Sua tarefa consistia sobretudo em fazer propaganda e análise política e econômica. Nas eleições fazia propaganda antiparlamentar para denunciar a política burguesa dos outros partidos, fazendo uma chamada a formar comitês de ação nas fábricas, nos mercados, entre os desempregados etc. cujo objetivo era incitar as massas, que “buscam instintivamente novos horizontes”, para liberar-se das velhas organizações.

Mudança de função

Porém, de fato, depois do triunfo da sangrenta repressão de 1921 e com a onda de prosperidade que não tardou manifestar-se, estas funções se fizeram puramente teóricas. A partir de então, a atividade destas organizações foi reduzida à propaganda pura e à análise, quer dizer, a uma atividade de grupo político. Desalentados pela ausência de perspectivas revolucionárias, a maior parte dos membros saíram das organizações. A redução dos efetivos teve também como consequência que a fábrica constituísse a base

parlamentar, seja pela via eleitoral. São instituições da sociedade capitalista. O que restou do KAPD, AAUD e AAUD-E não pode ser qualificado como sendo uma instituição partidária, pois: a) nem eram burocráticas; b) nem visavam conquistar o poder estatal. É muito mais correto qualificá-las pelo que elas são, ou seja, organizações de militantes revolucionários e não instituições partidárias. (N.T.)

da organização. Reuniam-se a partir do bairro, em cervejarias, onde às vezes se cantava, à Alemanha, em coro, lentamente, os velhos cantos operários de esperança e cólera.

Já não havia grandes diferenças entre o KAPD, a AAUD e a AAUD-E. Os membros da AAUD e do KAPD se encontravam participando das mesmas reuniões nominalmente diferentes e os da AAUD-E eram membros de um grupo político, ainda que usassem para se qualificar, outro nome. Anton Pannekoek, o marxista holandês que foi um dos inspiradores teóricos de todos eles (sobretudo do KAPD), escrevia em 1927 a respeito disto:

A AAUD, tal como o KAPD, constitui essencialmente uma organização que tem como fim imediato a revolução. Em outros tempos, ninguém ousou formar uma organização similar em período de decadência da revolução. Porém, esta sobreviveu aos anos revolucionários. Os trabalhadores que ontem a fundaram e que combateram sob sua bandeira não querem deixar que se perca esta experiência de luta e a conservam como um esteio para o futuro.

Em consequência, havia três partidos políticos da mesma cor. Isto queria dizer, na verdade, que sobraram apenas dois. Com o aumento dos perigos, quando se confirmava a inqualificável covardia das velhas e supostas potentes organizações operárias, quando os nazistas começavam triunfalmente o caminho que os conduziria ao destino que hoje conhecemos muito bem, a AAUD, em dezembro de 1931, já separada do KAPD, fundiu-se com a AAUD-E. Somente alguns elementos se mantiveram no KAPD e alguns outros da AAUD-E marcharam às fileiras anarquistas. Porém, a maior parte dos sobreviventes das organizações de fábrica se agruparam na nova organização, a KAUD (Kommunistische Arbeiter Union – União Operária Comunista), expressando assim a ideia de que esta última não constituía uma organização “geral” (como era o caso da AAUD, por exemplo) que reunia todos os trabalhadores animados por uma vontade revolucionária, mas sim os trabalhadores comunistas conscientes.

A classe organizada

A KAUD expressava, portanto, uma mudança nas concepções da organização. Esta mudança tinha um sentido. Há que lembrar o significado que tinha então a noção de “classe organizada”. A AAUD e a AAUD-E acreditaram no princípio que seriam elas as que organizariam a classe operária, que milhões de operários adeririam á sua organização. Na realidade, era uma ideia muito próxima à dos sindicalistas revolucionários do passado que

esperavam ver todos os trabalhadores aderindo aos seus sindicatos: então, a classe operária seria finalmente uma classe organizada.

Agora, a KAUD incitava os operários a organizarem-se por si mesmos em seus comitês de ação e a criar contatos entre estes comitês. Dito de outra forma, a luta de classe “organizada” já não dependia de uma organização construída previamente à luta. Nesta nova concepção, a “classe organizada” era a classe operária lutando sob sua própria direção.

Esta mudança de concepção tinha consequências em relação a muitas questões: a ditadura do proletariado, por exemplo. Com efeito, posto que a “luta organizada” não era algo exclusivo de organizações especializadas em sua direção, estas não podiam ser consideradas como órgãos da ditadura do proletariado. Ao mesmo tempo, desaparecia o problema que havia causado múltiplos conflitos: quem, entre o KAPD e a AAUD, deveria exercer ou organizar o poder? A ditadura do proletariado já não seria patrimônio de organizações especializadas, mas sim que se encontraria nas mãos da classe em luta, assumindo todos os aspectos, todas as funções da luta. A tarefa da nova organização, a KAUD, reduziria-se, pois, a uma propaganda comunista, clarificando os objetivos, incitando a classe operária contra os capitalistas e às velhas organizações. Em primeiro lugar por meio da greve selvagem e em seguida, demonstrando-lhes os pontos fortes e as debilidades desta forma de luta. Esta atividade não era menos indispensável. A maior parte dos membros da KAUD continuava defendendo que “sem uma organização revolucionária capaz de combater duramente não podia haver situação revolucionária, como o haviam demonstrado a revolução russa de 1917 e, em sentido contrário, a revolução alemã de 1918” (Rättekorrespondenz, n. 2, XI/1932).

A sociedade comunista e as organizações de fábrica

Esta evolução nas ideias devia acompanhar-se, necessariamente, de uma revisão das noções sobre a sociedade comunistas admitidas até então. De uma forma geral, a ideologia que dominava em todos os meios políticos e nas massas estava baseada na criação de um capitalismo de Estado. Evidentemente, havia uma multiplicidade de pequenas diferenças, porém, em geral, toda esta ideologia, com suas variações, pode

resumir-se em alguns princípios bem simples: o Estado, através das nacionalizações da economia, das reformas sociais etc. representa a alavanca a partir da qual pode-se realizar o socialismo, enquanto as ações parlamentar e sindical representam os meios essenciais de luta. Logo, os trabalhadores não lutam como uma classe independente dirigindo-se a si própria, objetivando atingir seus próprios fins, mas sim que deve confiar “a gestão e a direção da luta de classes” aos chefes parlamentares e sindicais. Segundo essa ideologia, pode-se deduzir sem esforço que partidos e sindicatos servirão de elementos de base ao Estado operário e assumirão em comum a gestão da sociedade comunista do futuro.

No transcurso da primeira fase, aquela que se seguiu ao fracasso dos intentos revolucionários na Alemanha, esta tradição impregnava fortemente as concepções da AAUD, do KAPD e da AAUD-E. As três manifestavam-se partidárias de uma organização que agrupasse “milhões e milhões” de membros, a fim de exercer a ditadura política e econômica do proletariado. Assim, em 1922, a AAUD declarava que estava em condições de assumir, tomando como base seus efetivos, a “gestão de 6% das fábricas” alemãs.

Porém, estas concepções se enfraqueciam. Como vimos, centenas de organizações de fábrica, reunidas e coordenadas pela AAUD e pela AAUD-E, reclamavam o máximo de independência quanto às decisões a tomar e se esmeravam em evitar a formação de uma “nova camada de dirigentes”. Seria possível conservar esta independência no seio da vida social comunista? A vida econômica está altamente especializada e todas as empresas são estreitamente interdependentes. Como se poderia administrar a vida econômica se a produção e a distribuição das riquezas sociais não fossem organizadas por aparatos centralizados? Não é indispensável o Estado como regulador da produção e organizador da distribuição?

Havia aqui uma contradição entre as velhas concepções da sociedade comunista e a nova forma de luta que agora se preconizava. Temia-se a centralização econômica e suas consequências, claramente demonstrada pelos fatos. Porém, ignorava-se como isto poderia ser remediado. A discussão centrava-se na necessidade e no maior ou menor grau de “federalismo” ou de “centralismo”. A AAUD-E inclinava-se mais para o federalismo. O KAPD-AAUD tendia mais para o “centralismo”. Em 1923, Karl Schroeder (18884-1950), teórico do KAPD, proclamava que “quanto mais centralizada esteja a sociedade comunista, melhor será”.

De fato, ainda que permanecesse sobre a base das velhas concepções da “classe organizada”, esta contradição era insolúvel. Por um lado, aproximavam-se, mais ou menos, das velhas concepções do sindicalismo revolucionário, a “tomada” das fábricas pelos sindicatos. Por outro, como os bolcheviques, pensava-se que um aparato centralizador, o Estado, devia regular o processo de produção e repartir “a renda nacional” entre os operários.

No entanto, uma discussão sobre a sociedade comunista, partindo do dilema “federalismo ou centralismo”, é absolutamente estéril. Estes problemas são questões de organização, problemas técnicos, enquanto que a sociedade comunista é, antes de tudo, um problema econômico¹¹. Ao capitalismo, deve-lhe suceder outro sistema econômico no qual os meios de produção, os produtos, a força de trabalho já não mais tenham a forma de “valor”, fazendo com que a exploração da população trabalhadora em benefício das classes privilegiadas desapareça. A discussão sobre “federalismo ou centralismo” não tem sentido se antes não se definiu qual será a base econômica desse “federalismo” ou “centralismo”. Com efeito, as formas de organização de uma economia dada não são arbitrárias, mas derivam dos mesmos princípios desta economia. Assim, o princípio do lucro e do mais-valor, de sua apropriação privada ou coletiva se encontra-se na base de todas as formas adotadas pela economia capitalista. Por isto é insuficiente apresentar a economia comunista como um sistema negativo: nem dinheiro, nem mercado, nem propriedade privada, nem estatal. É necessário esclarecer seu caráter de sistema positivo e mostrar quais serão as leis econômicas que sucederão as leis do capitalismo. Uma vez feito isto, é provável que a alternativa entre “federalismo” ou “centralismo” se mostre como um falso problema.

O fim do movimento na Alemanha

Antes de examinar mais longamente esta questão, não é inútil recordar o destino, na prática, da corrente saída das organizações revolucionárias de fábrica. A AAUD começou a desligar-se do KAPD em finais de 1929. Sua imprensa preconizava então uma “tática

¹¹ Seria mais correto dizer modo de produção, ao invés de econômico. O termo econômico remete à ciência econômica, que tem uma visão bem mais estreita. O uso do termo modo de produção remete a processos mais amplos, bem como melhor conceitualmente formulados dentro da teoria marxista. (N.T.)

suave”: o apoio das lutas operárias que unicamente tinham como fim reivindicações salariais e melhora nas condições de trabalho. Mais rígido, o KAPD via nesta tática o começo de um deslize para a colaboração de classes, “a política do *chalaneo*”¹². Um pouco mais tarde, alguns kapistas chegaram inclusive a preconizar o terrorismo individual como meio para levar às massas a consciência de classe. Marinus van der Lubbe, que, atuando só, incendiou o Reichstag, estava em contato com esta corrente. Incendiando o edifício que ocupava o Parlamento, queria, mediante este gesto simbólico, incitar os operários a sair de sua letargia política...

Nem uma, nem outra táticas tiveram resultados. A Alemanha sofria então uma crise econômica profunda, o número de desempregados crescia largamente: não havia greves selvagens, ainda que seja certo que ninguém se preocupava com as consignas sindicais. Além do que, os sindicatos colaboravam estreitamente com os patrões e com o Estado. A imprensa dos Comunistas de Conselhos era frequentemente apreendida. Além do mais, suas chamadas para a formação de comitês autônomos de ação não tinham eco algum. Ironia da história: a única greve selvagem desta época, a dos transportes berlinenses (1932) foi sustentada pelos “bonzos” stalinistas e hitleristas contra os “bonzos” socialistas dos sindicatos.

Depois da ascensão de Hitler ao poder, os militantes das diversas tendências foram perseguidos e presos em campos de concentração, onde muitos desapareceram. Em 1945, alguns sobreviventes foram executados por ordem da GPU (Polícia Secreta da União Soviética), quando o exército russo entrou em Saxe. Ainda, por exemplo, em 1952, em Berlim Oeste, um antigo chefe da AAUD, Alfred Weiland, foi raptado em plena rua e transferido ao Leste para ser condenado a um longo período de prisão.

Atualmente, não há nenhum rastro na Alemanha das diversas correntes do Comunismo. A liquidação dos homens ocasionou que também o fosse as próprias ideias que eles defendiam. A expansão e prosperidade orientavam os espíritos para outras direções. E, com já se sabe, somente nos últimos anos, estas concepções próprias da ação

¹² Chalaneo. Termo sem correspondência no português. Deriva de *chalán* (em sentido restrito, negociador de cavalos). Em sentido amplo, portanto, *chalaneo* designa o trato, a lida com negociações mercantis.

de massa extraparlamentar e extrassindical têm sido novamente recuperadas, sem que se possa, ainda, falar em “filiação” ideológica direta.